

**Série Fundamentos, Paul-Laurent Assoun, traduzido por Dra. Helena Cardoso – A Escola de Frankfurt, São Paulo, Editora Àtica- 1991, 100 páginas.<sup>1</sup>**

Joilda Souza de Almeida<sup>2</sup>

Na primeira parte do livro o autor expõe o conteúdo da Escola de Frankfurt, que é a crítica da razão identitária, posta em movimento por uma necessidade ou interesse da razão histórica, a tese da existência da verdade. A Teoria Crítica rejeita a Teoria da Identidade funcionando como uma tomada de posição em relação ao idealismo alemão, fornecendo o ponto de partida e a linguagem da sua própria refutação, os fundadores da escola afirmam que aceitar a Teoria da Identidade seria, do ponto de vista filosófico, apelar contra o entendimento e o raciocínio, a alma e a intuição do ser humano.

Na segunda parte é discutida a sociopolítica da Escola de Frankfurt e sua ambição científica. Sua sociologia crítica forma-se por dois aspectos, o marxismo e a psicanálise, dupla mediação entre a Teoria Crítica e seu campo de investigação. O percurso da Escola de Frankfurt singularizava-se por um uso crítico particularmente audacioso das categorias sociológicas. O marxismo é a principal referência teórica que legitima a Teoria Crítica, colocado em primeiro plano na prática histórica, mas sua economia crítica faz com que o marxismo não intervenha como adesão pura e simplesmente, mas que se encontre definido pelo uso que é feito da literatura, tudo se resumiria a modalidade, daí o otimismo político e científico. A psicanálise intervém na Teoria Crítica como instrumento que em determinado momento ela tem de usar para decifrar o mecanismo da consciência social.

Na terceira e última parte do livro, chega-se a um nível de emergência decisivo, o da filosofia da história. A Teoria Crítica volta-se para um programa de preservação do que ainda pode ser salvo da autonomia do indivíduo, restando-lhe exprimir o que geralmente não é, se não pode indicar o justo, serve ao menos para indicar o mal. A fidelidade, as intenções da Teoria

---

<sup>1</sup> Paul-Laurent Assoun é Professor da Universidade de Picardie Amiens na França e membro do Colégio Internacional de Filosofia de Paris.

<sup>2</sup> Pós-graduada em Ciências Sociais e Sociologia Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. E-mail: jojoalmeida2010@hotmail.com

Critica, é bem confirmada, mas é este julgamento global sobre a racionalidade como destino que é invalidado. No que tange a estética frankfurtiana, a questão crítica da arte é, pois, saber como a arte é possível enquanto a força de protesto age contra a repressão na cultura. É sobre o terreno estético que a análise crítica encontra de algum modo sua prova real, a arte representa o fenômeno que decifra a cultura.

Ao final do livro o autor conclui que, a Teoria Crítica dá um exemplo de pensamento efetivamente crítico, de uma razão histórica pensando sem desculpa as suas próprias contradições. A crise da história que a Escola de Frankfurt experimenta como forma histórica regressa à descoberta do saber do sujeito histórico e da verdade do processo, o que exprime por uma crise do modo de idealização social correspondente. A originalidade da Escola é que ela pensa a crise sem nunca desistir da ambição racional, permanecendo o pensamento filosófico efetivo.

Trata-se de uma obra científica que traz a trajetória da Escola de Frankfurt citando seus mais ilustres membros e a contribuição de cada um para a formação histórica da Escola, mostra uma visão mais ampla do desenvolvimento social, dizendo que não há uma verdade absoluta, se não, não haveria o que ser criticado, mesmo a Teoria Crítica tendo fracassado em seu propósito maior que seria dar outro sentido a história. O estilo da obra não é de fácil entendimento, devido a linguagem técnica, sendo necessário para o seu perfeito entendimento, ter conhecimento anterior sobre o assunto. O livro é indicado à especialistas e estudantes que buscam conhecimento nas áreas de Filosofia, Sociologia e Política.